



Simone de La Tour e Kevin de La Tour*

* Pesquisadores e Diretores da IASB.
yishixue@yishixue.org

Palavras-chave

Antibelicismo interior
Efeito *trim tab*
Entrelinhagem
Multiculturalismo
Paradiplomacia intelectual
Reurbanização

Keywords

Inner antibellicism
Intellectual paradiplomacy
Interlineage technique
Multiculturalism
Reurbanization
Trimtabbing

Palabras-clave

Antibelicismo interior
Efecto *trim tab*
Entrelinaje de ideas
Multiculturalismo
Paradiplomacia intelectual
Reurbanización

Paradiplomacia com Características Chinesas

Paradiplomacy with Chinese Characteristics
Paradiplomacia con Características Chinas

Resumo:

Objetivando contribuir para a reurbanização da Ásia, a partir da China, o presente trabalho empenha-se em apresentar o contexto intelectual e sócio-político das vivências dos autores nesse país e o resultado de seus esforços em prol da realização de suas proéxis a dois, na condição de dupla evolutiva. Paradiplomacia, no contexto deste trabalho, refere-se à diplomacia multidimensional. Os autores procuram mostrar que a execução da tarefa na China é uma tarefa delicada: programações existenciais de caráter multigrupais, multiinstitucionais, multiculturais, multilingües, multidimensionais e multiexistenciais *vivenciadas*. Os resultados do trabalho de reurbanização na China, em sistema ditatorial, a partir da sua *intelligentsia* ou formadores de ideologia, são demonstrativos da necessidade do uso de estratégias assistenciais peculiares e flexíveis, fora do padrão de apresentação das verdades relativas de ponta da Conscienciologia. Essas estratégias paradiplomáticas universalistas e fraternais são baseadas no *trinômio elegância-paciência-persistência*. Os autores usam recursos de “entrelinhagem”, conceitos conscienciológicos explicados através do pensamento antigo chinês, que funcionam como elementos de *rapport* e facilitadores do entendimento da Conscienciologia em outras culturas, principalmente aquelas em que a liberdade de expressão ainda se encontra restrita. Nessa condição, muitos são os contextos maxifraternos em que o uso de conduta-exceção torna-se conduta-padrão.

Abstract:

In order to contribute to the reurbanization of Asia, stemming from China, the present work endeavors to present the intellectual and socio-political context of the authors' experiences in this country and the results of their efforts toward the realization of their «existential program for two» as an evolutionary duo. Paradiplomacy, in the context of this work, refers to multidimensional diplomacy. The authors also seek to show that the execution of the clarification task in China is a delicate task: existential programs that involve *applied* multigroupality, multi-institutionality, multiculturalism, multilinguality, multidimensionality and multi-existentiality. They address that, due to the dictatorial system of this country, the results of the work of reurbanization, implanted at the level of its *intelligentsia* or ideology makers, are indicative of the need for the use of particular more flexible assistential strategies that lie outside the standard context of the presentation of leading-edge relative conscienciological truths, as they are used in other parts of the world. These universalistic and fraternal paradiplomatic strategies are based on the *trinomial poise-patience-persistence*. The authors make use of the resources of the “interlineage technique”: in this case, conscienciological concepts that are explained utilizing those of ancient Chinese thought, which serve as elements of *rapport* in order to facilitate the understanding of conscienciology in other cultures, specially those in which freedom of speech is still restricted. In this

condition, many are the contexts in which the use of exception-behavior becomes pattern-behavior.

Resumen:

Objetivando contribuir para la reurbanización de Asia, a partir de China, el presente trabajo se empeña en presentar el contexto intelectual y socio-político de las vivencias de los autores en ese país y los resultados de sus esfuerzos a favor de la realización de sus proexis a dos, como pareja evolutiva. Paradiplomacia, en el contexto de este trabajo, se refiere a la diplomacia multidimensional. Los autores intentan mostrar que la ejecución de la tares en China es una tarea delicada: programaciones existenciales de carácter multigrupales, multi-institucionales, multiculturales, multilingües, multidimensionales y multi-existenciales *vivenciadas*. Los resultados del trabajo de reurbanización en China, en sistema dictatorial, a partir de su *intelligentsia* o formadores de ideología, son demostrativos de la necesidad del uso de estrategias asistenciales peculiares y flexibles, fuera del padrón de presentación de las verdades relativas de punta de la Concienciología. Esas estrategias paradiplomáticas universalistas y fraternales son basadas en el *trinomio elegancia-paciencia-persistencia*. Los autores usan recursos de “entrelinaje”, conceptos concienciológicos explicados a través del pensamiento antiguo chino, que funcionan como elementos de *rapport* y facilitadores del entendimiento de la Concienciología en otras culturas, principalmente aquellas en que la libertad de expresión aún es restringida. En esa condición, muchos son los contextos en que el uso de conducta-excepción se hace conducta-padrón.

INTRODUÇÃO

Com o desenvolvimento e o aprimoramento tecnológico dos meios de comunicação, por exemplo a *Internet*, a idéia de que o mundo está tornando-se uma “aldeia global” parece verdadeiramente correta. De acordo com a perspectiva concienciológica, pode-se ampliar esse conceito para “aldeia multidimensional”, se for estendido às dimensões extrafísicas e forem incluídos outros componentes do universo: as consciências extrafísicas. Dessa maneira, ao lidar com proexis transculturais deve-se sempre lembrar que diferentes partes do mundo vivenciam realidades bem opostas uma das outras, e aquilo que parece ser normal em um hemisfério pode ser considerado totalmente inoportuno no oposto, podendo ocorrer o mesmo entre continentes. Nesse contexto, pode-se incluir aspectos triviais, tais como: gestos, cumprimentos, maneirismos, tom de voz, proximidade entre o interlocutor e ouvinte, tipo e cor da roupa, hierarquias sociais e etiqueta à mesa.

As idiosincrasias de uma cultura, quando não respeitadas, podem resultar em a pessoa ser desconsiderada. Essa situação seria catastrófica para aquela instituição ou indivíduo que, dia após dia, lida diretamente, como no caso dos autores, com a cúpula da comunidade intelectual acadêmica chinesa e com tudo aquilo que essa situação envolve. O IASB – Centro de Intercâmbio Acadêmico Sino-Brasileiro – tem o privilégio de apresentar-se em conferências organizadas por universidades de grande prestígio acadêmico na China. Porém, ao contrário da maioria dos países ocidentais, as universidades chinesas são instituições governamentais cujo comando fica a cargo de um oficial do governo, secretário do partido comunista, – a política educacional é estipulada pelos órgãos governamentais responsáveis pela determinação dos seus critérios. Enquanto na China moderna as escolas ou os cursos privados proliferam cada vez mais, o mesmo não ocorre com as universidades, e tudo indica que continuará assim por longo tempo. Outro aspecto distinto na China é o de a participação nessas conferências restringir-se a grupos seletos de pessoas convidadas pela organização do evento ou da universidade.

Apesar de o presente trabalho não objetivar abordar questões sociais ou políticas, é válido ressaltar a situação peculiar de transição pela qual a China atravessa no momento e examinar os fatos relativos ao contexto chinês através da perspectiva desse país, e não da cultura pessoal ou mesologia. O passado recente chinês ainda é marcante na vida da grande maioria desse povo. A partir da política de abertura econômica de Deng Xiaoping, em 1979, e após décadas de aprisionamento do próprio povo, a China abriu as portas da sua grande muralha para interagir com o resto do mundo e fazer parte da era da globalização. E mais uma vez o povo chinês foi forçado a aprender a conviver com mudanças político-sociais abruptas, tais como: o dito “burguês, inimigo do povo” dá lugar a “ser rico é glorioso”; a chamada do governo “mais gente, mais poder” foi trocada pela política do filho único; o sistema do *iron rice bowl* (economia planejada) foi substituído pela economia de mercado; firmas estatais estão sendo gradativamente transformadas em firmas privadas.

Neste artigo, os autores apresentam suas perspectivas sobre a execução de proéxis em um contexto cultural oposto àquele que conheciam e ressaltam a extrema importância da paradiplomacia na realização da tarefa assistencial multicultural na RPC - República Popular da China, país onde, apesar de sua mudança e desenvolvimento econômico galopante, a falta de liberdade de expressão ainda predomina. Em Conscienciologia, o prefixo “para” não se restringe somente a “além”. O termo “paradiplomacia” é interpretado como “diplomacia multidimensional” ou aquela que diz respeito não somente às conscins, mas às consciexes inclusive.

Além da pesquisa bibliográfica, várias das observações a seguir são baseadas na vivência dos autores nos últimos 7 anos na China, suas percepções e interação com estudiosos de renome da comunidade acadêmica chinesa e as instituições representadas por eles, em diversas cidades, dentro e fora da China continental. Este trabalho está dividido em 4 partes: 1. Intelectualidade chinesa; 2. Paradiplomacia intelectual com características chinesas; 3. Trinômio da paradiplomacia; 4. *Timing* da proéxis.

I. Intelectualidade Chinesa

Depois de passar longos e significativos períodos em 3 culturas – sul-americana, norte-americana e, atualmente, asiática – os autores observaram que a cultura chinesa se encontra em verdadeira *encruzilhada*. Os Estados Unidos e o Brasil, por exemplo, também estão interessados no desenvolvimento contínuo de intercâmbios econômicos a fim de atingir êxitos cada vez maiores no cenário internacional. Entretanto, essas culturas não enfrentam os mesmos desafios da China: redefinição de sua identidade enquanto se catapultam em um mundo globalizante.

Enquanto as identidades norte-americana e brasileira mostram-se mais estáveis, os estudiosos chineses demonstram certo grau de urgência em relação aos trabalhos que demandam “um chamado à ação” do governo. Esse trabalho visa a formação de uma identidade coesa e realista do povo chinês que, simultaneamente, facilite a caracterização do povo entre os seus integrantes e do mundo em relação a eles. Na realidade, a China está em busca de reconhecimento internacional. Essa é a razão que leva esse país a desenvolver projetos especiais, a tornar-se membro de organizações internacionais, tal como a Organização Mundial de Comércio (OMC), a procurar sediar eventos, tais como os Jogos Olímpicos de 2008, nas cidades de Beijing e Qingdao, entre outros. Os representantes governamentais estão ao mesmo tempo buscando assegurar ao mundo e a si mesmos que o povo chinês tem competência e aceitação suficiente para atingir sua meta: “ser um *player* mundial”, tanto econômica quanto intelectualmente. Uma vez que existem inúmeros artigos publicados sobre esse assunto, está fora do âmbito deste trabalho abordar a China nesse contexto. Por outro lado, torna-se interessante fazer referência à realidade intelectual chinesa. Em todas as conferências das quais

os autores vêm participando, verifica-se a presença de pesquisadores eruditos, além daqueles remanescentes da era comunista, período em que a inculcação ideológica era mais importante do que erudição intelectual.

A China empenha-se em alcançar o resto do mundo, tanto em termos econômicos e tecnológicos quanto intelectuais. Possui a difícil tarefa de se equiparar aos estudiosos estrangeiros e representar a capacidade acadêmica chinesa com o mesmo domínio intelectual de seus filósofos do passado, ou seja, representar sua cultura e o melhor de suas raízes. Precisa mostrar ao mundo o que é ser chinês. Daí a frequência dos temas nas conferências versarem sobre a internacionalização e propagação do pensamento chinês. No entanto, é interessante notar que nenhuma dessas conferências tem a propagação da doutrina marxista como tema principal. Uma das grandes preocupações do governo é sintetizar ou criar uma nova filosofia para o seu povo. Exemplo disso é a conferência *Fórum Internacional de 2004 das Fronteiras da Filosofia*, na cidade de Hefei, Anhui, em outubro de 2004, na qual os autores tiveram a oportunidade de participar. Na sessão de encerramento do evento, o tema predominante foi como criar nova ideologia para a China, sendo sugerido a confluência do Marxismo, Confucionismo e Budismo. Alguns dos professores presentes observaram ser essas três escolas de pensamento mutuamente incompatíveis. Mesmo assim, a China continua empenhando-se em combinar várias escolas de pensamento e ao mesmo tempo manter, até certo ponto, a sua atual ideologia oficial (Marxismo), equivalente amálgama do Marxismo com a antiga ideologia chinesa, e representá-la de maneira condizente com o povo chinês e com o mundo.

OS ESTUDIOSOS CHINESES ESTÃO RESGATANDO O QUE AVALIAM SER ÚTIL DO PENSAMENTO TRADICIONAL VISANDO CRIAR UMA FILOSOFIA E IDEOLOGIA MODERNA, SINTÉTICA, QUE PERMITIRÁ IMPULSIONAR A CULTURA CHINESA PARA O NOVO MILÊNIO.

II. Paradiplomacia Intelectual

A oportunidade da presença da Conscienciologia na China nesse momento evolutivo é oferecer aos estudiosos do pensamento antigo chinês a apreciação da sua filosofia através da perspectiva conscienciológica. Além de permitir-lhes avaliar a modernidade de determinados aspectos da Filosofia Chinesa e, mais precisamente, a sua perenidade, os autores, através de apresentações e publicações, esforçam-se para que esses estudiosos transcendam o entendimento da sua própria filosofia. De acordo com o espírito do IASB, as atividades acadêmicas e publicações na China são realizadas com base no vínculo consciencial e direcionadas à execução de projetos ligados à reurbanização desse país. Ao contrário das experiências anteriores dos autores em estabelecer centros da Conscienciologia e Projeciologia no ocidente através da promoção de palestras e cursos abertos ao público em geral, as atividades acadêmicas do IASB na China são restritas a convites recebidos para participar de conferências, ministrar palestras em universidades ou instituições e publicar trabalhos em periódicos acadêmicos. Por não possuírem a titulação exigida pelo meio acadêmico, tal como formação universitária, títulos de pós-graduação, serem autores de livros famosos ou pesquisadores de renome, os autores podem ser equiparados a “projetores intelectuais penetras”. Os autores, em pouco tempo, encontraram-se no coração da comunidade acadêmica chinesa, cuja entrada se deve à qualidade das apresentações e das gestações conscienciais.

O papel do IASB quanto à Sinotares torna-se particularmente complexo, em se tratando de proéxis atacadista que envolve inúmeras consciências que possivelmente estão presas em círculo fechado de idéias há séculos. Para movimentar tal população, necessita-se de estratégia inteligente, eficaz, objetiva e prudente.

te, visando atingir diretamente suas metas reurbanizadoras. A estratégia assistencial, ou *modus operandi*, adotada pelo IASB, compara-se ao uso do *trim tab* (BUCKMINSTER FULLER *apud* LICHTENSTEIN; KRAUSSE, 2001, p. 17) leme pequeno fixado ao leme grande da embarcação usado para auxiliar as manobras do navio: o *trim tab* (Sinotares) vira o leme grande (autoridades e estudiosos chineses), que por sua vez muda a direção da embarcação (reurbanização da China). Essa estratégia funciona a partir do topo do *iceberg*, a cúpula mentalsomática do país – os filósofos ou formadores de ideologia da China. Os conceitos são aí processados ou metabolizados e suas definições e conclusões são posteriormente aplicadas como norma geral à sociedade (Fig. 1). A atual relação governo-estudiosos permanece praticamente a mesma daquela utilizada na China antiga, quando filósofos, por exemplo Confúcio, Zisi, Mêncio e outros, tinham como função fornecer assessoria ideológica aos governantes da época.

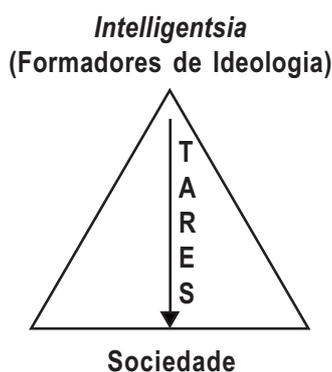


Fig. 1. *Modus Operandi* da Reurbanização Pensênica na Ásia a partir da China

A estratégia assistencial da Sinotares é realizada com bases na paradiplomacia intelectual. Devido à extrema delicadeza do clima político da China e ao limiar em que o país atualmente se encontra – o qual se deve entender e respeitar – torna-se essencial que a maioria das apresentações, ambas escritas e orais, seja realizada com dose forte de *entrelinhagem*. Visando o *rapport* e o entendimento do conteúdo, os autores, ao apresentarem as verdades relativas de ponta da Conscienciologia, fazem uso de metáforas, assim como termos e conceitos da própria filosofia chinesa. Apesar do problema da tradução de vários neologismos da Conscienciologia para o idioma chinês, todos eles, ou aqueles que seja prudente apresentar, são explicados de acordo com o contexto do pensamento tradicional chinês. Entrelinhagem funciona tal qual uma das utilidades da projeção consciente, que possibilita a liberação do restringimento informacional por parte do encarcerado da instituição total, conforme definição abaixo:

“As condições de fechamento da instituição total acarretam restrições de informações, ausência de atividades de lazer, afastamento de certas oportunidades de comportamento, impossibilidade para acompanhar as mudanças sociais recentes, sentimento de tempo perdido e o restringimento agudo da liberdade individual” (VIEIRA, 1999, p. 897).

O método da *entrelinhagem de idéias* facilita aos ouvintes, restringidos pelo limitado paradigma de determinado regime, usufruir da interdimensionalidade intelectual: perceber entre as dimensões ou realidades conceituais. A entrelinhagem de idéias cria campo comum entre as realidades conceituais em questão – a chinesa e a conscienciológica –, ajudando a acelerar a difusão de conhecimento entre as duas realidades culturais (Fig. 2). Nesse campo comum o entendimento é mais fácil.

A dinâmica ilustrada a seguir pode ser comparada à questão *globalização vs. localização*, situação em que o conceito, serviço ou produto é aplicável globalmente, porém precisa ser adaptado à realidade do

local onde se pretende lançá-los para essa população se relacionar com tal item. Deve-se lembrar que a Conscienciologia, em perspectiva supracultural, é patrimônio da humanidade e expõe conceitos passíveis de serem compreendidos independentemente de palavras ou idiomas específicos, ou seja: conceitos falam mais alto do que palavras; conscienciês não possui léxico; linguagem barateia a comunicação. Por exemplo, o cálculo diferencial, linguagem universal matemática, não somente lida com números *exatos*, mas também com *aproximações*.

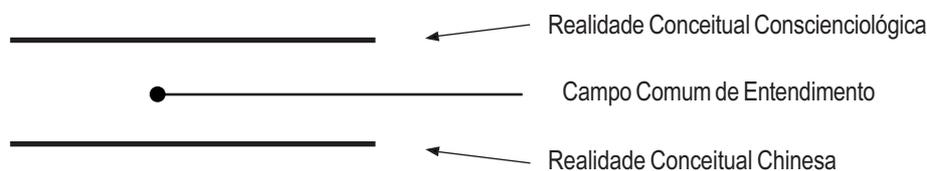


Fig. 2. Técnica da Entrelinhagem de Idéias

DE ACORDO COM A PARADIPLOMACIA, O PALESTRANTE UTILIZA O RECURSO DA APROXIMAÇÃO LINGÜÍSTICA TRANSCULTURAL, ATO DE FRATERNISMO MENTALSO-MÁTICO, DE CUJA VIVÊNCIA REALIZA A ASSISTÊNCIA.

III. Trinômio da Paradiplomacia

O desafio de executar a tares na República Popular da China parece ser, à primeira vista, tarefa quase impossível. Porém, de acordo com informações de relatos de experiências parapsíquicas de integrantes da *Comunidade Conscienciológica Cosmoética Internacional (CCCI)*, a China é direção futura da Conscienciologia. Se esse é o trabalho a ser executado, não se pode desistir antes de começar. *O fato de algo parecer difícil ou improvável não significa que seja impossível*. Significa que as capacidades perceptivas e o fôlego assistencial não foram suficientemente extrapolados para se conseguir enxergar e se estender à abertura que na realidade existe. Permanecendo-se dentro da perspectiva *ordinária* das verdades relativas de ponta, depara-se com uma porta fechada ao serviço que possa ser prestado em outras culturas e continentes para inúmeras consciências à espera do trabalho da tares. Nesse sentido, a aplicação do *trinômio elegância-paciência-persistência* é imprescindível. A diplomacia terra-a-terra visa principalmente conviver e dividir espaço e oxigênio no planeta, porém:

PARADIPLOMACIA É ASSISTÊNCIA. ASSISTÊNCIA É EVOLUÇÃO. SENDO GRUPAL, EVOLUÇÃO É CONDUZIR O INDIVÍDUO AO PORTAL DAQUILO QUE É CAPAZ DE SER E CONVIDÁ-LO A ENTRAR.

Paradiplomacia é um exercício da Cosmoética. Ao se examinar esse conceito, observa-se que a verdadeira Cosmoética considera o multiculturalismo, podendo-se, assim, dizer que é de natureza essencialmente universalista: respeita a individualidade de todas as culturas, assim como o multiculturalismo individual. Ao

se considerar cada personalidade de maneira multiexistencial e multidimensional, pode-se ver que ela apresenta uma realidade multicultural, multilíngüe e multicomunitária, ou seja, multicármica. O indivíduo é fundamentalmente complexo, estando conectado a pelo menos 3 fatores:

1. Diversos grupos cármicos.
2. Várias existências humanas.
3. Múltiplas culturas, idiomas e contextos.

Considerando-se a multiculturalidade da consciência, ao se dirigir a um indivíduo, deve-se primeiramente avaliar algumas destas questões, entre outras mais: “Com quem estou me relacionando? Com quais grupos de consciências (intra e extrafísicas) estou lidando? Quais serão as conseqüências multidimensionais e multiexistenciais ao interagir com tal indivíduo, mesmo que seja em momento único e breve?” Com o mundo tornando-se cada vez “menor”, fica mais fácil “abraçá-lo” eletronicamente, pensenicamente e fraternalmente. Deve-se lembrar que a raça humana deveria possuir um só objetivo: evoluir. O fraternismo global, contexto da paradiplomacia, permite que mais ativa e calorosamente se abrace os membros da família, a humanidade e a para-humanidade. A paradiplomacia não é perfunctória, é acolhedora e afetuosa; é o ato de a consciência acolher a outra e ver como melhorar a situação.

**O FATO DE SE TRANSMITIR A TARES ATRAVÉS DE
“MEIAS PALAVRAS”, NÃO SIGNIFICA MEIAS VERDADES”.
SIGNIFICA TER PACIÊNCIA, ENTENDIMENTO E CONSIDERAÇÃO
PARA COMPREENDER O OUTRO NO SEU LIMIAR.**

Uma vez que se consiga atingir o outro, de acordo com o seu limiar de entendimento das verdades relativas de ponta tem-se entrada para impactá-lo com nossa força presencial. Posteriormente pode-se – de maneira discreta e diplomaticamente prudente – oferecer maior porcentagem de tares. Exemplo disso é a doação da edição especial do tratado *Projeciologia*, de Waldo Vieira, com tradução parcial para o chinês. As ilustrações no final do livro foram excluídas da atual edição na China. No entanto, este fato não inviabilizou a apresentação dessa obra à comunidade intelectual chinesa. Num período de 5 meses (Ano-base: 2005), 841 exemplares foram distribuídos a professores, estudantes e bibliotecas em mais de 40 cidades, dentro e fora da China, incluindo os seguintes países: RPC (China continental, Hong Kong e Macau), Taiwan, Malásia, Indonésia, Coréia do Sul, Cingapura, EUA, Suécia e Brasil. Apesar do número significativo de exemplares doados em período relativamente curto, os autores deste artigo não disponibilizam o livro de modo aberto ou ostensivo. O tratado está sendo concedido a professores, silenciosamente, no estilo chinês: um exemplar do livro é colocado, quando autorizado, na mesa de recepção das conferências, acompanhado do formulário de requisição da obra. Porém, esses formulários nunca são oferecidos diretamente pelos autores do presente artigo. Pela primeira vez, desde o início da apresentação dessa obra na China, em agosto de 2005, esses formulários foram distribuídos em duas famosas universidades na cidade de Wuhan, porém tal distribuição não foi realizada pelos autores. Os folhetos de requisição foram disponibilizados por iniciativa do professor que convidou os autores para apresentações a seus alunos universitários.

As obras conscienciológicas ainda não podem ser disseminadas amplamente na China. A doação do tratado *Projeciologia* está sendo possível pelo fato de se tratar de público extremamente seletivo. Quando a abordagem é sutil, porém consistente, os interessados na tares, com o tempo, certamente virão ao seu encontro.

DE ACORDO COM A NATUREZA DO TRINÔMIO ELEGÂNCIA-PACIÊNCIA-PERSISTÊNCIA, A PARA- DIPLOMACIA NÃO INSISTE, MAS PERSISTE.

IV. *Timing* da Proéxis

Durante apresentações feitas a grupos selecionados de professores, o *nec plus ultra* da comunidade intelectual chinesa, os autores constataram não estarem em sua presença por acaso, mas devido ao *timing* dos acontecimentos. Ao retornarem a Foz do Iguaçu, em 2002, foram questionados, em momentos diferentes, sobre suas proéxis na China: se consideravam terem ido para aquele país no momento certo; se estavam cumprindo suas proéxis; se a China era um desvio nas suas proéxis; se poderiam realizar mais do que aquilo que estavam executando; entre outras questões. Logicamente, a resposta está na *facticidade* dos acontecimentos.

Ao ser convocado para executar a tarefa, só deve existir uma resposta: aceitar. Quando um caminho de oportunidades de trabalho é aberto, quem ousa fechar a porta? Quem pode saber se compreende totalmente a profundidade, as repercussões ou o máximo lucro evolutivo daquilo que parece ser a única ou até aleatória oportunidade sem saber onde vai dar? Mas é precisamente por falta de visão imediata que se *deve* seguir as oportunidades surgidas e ver para onde os fatos e circunstâncias vão direcionar, passo a passo, relacionamento por relacionamento, ato assistencial por ato assistencial. Ao ser solicitado a “pular” e abraçar a tarefa, não cabe perguntar: “Por quê?” A resposta seria: “Qual a altura do salto?” ou “Qual a extensão do salto?” Em outras palavras: *despojamento no escuro ou vôo cego*. O indivíduo sabe da obrigação de ir, mas não sabe como, quando, onde e por quê. Por outro lado, uma vez aceita a oportunidade de exercer a tarefa, a capacidade da equipe multidimensional que certamente trabalhará – se já não estiver trabalhando, sem que se perceba – será equivalente ao desafio da tarefa colocada à frente. Só é preciso “calçar o tênis de corrida” e iniciar o serviço. Exercer a tarefa em país sob regime ditatorial fornece ao indivíduo a oportunidade de transcender a noção daquilo que pensa representar sua proéxis ou do que pode vir a ser. Porém, isso ocorrerá, caso se esteja disposto a descartar o comodismo e executar a proéxis *a qualquer preço*. De maior importância na paradiplomacia é a atitude de o indivíduo despir-se de qualquer interesse, agenda ou possibilidade de ganho pessoal – seja ele financeiro, social, político, entre outros. Não se pode confundir progresso e desenvolvimento com aumento de influência pessoal, sinal de autocorrupção, com consequências desastrosas. Os efeitos reverberantes das ações anticósmicas só serão percebidas após diversas existências humanas. Uma vez que a diplomacia aplicada na sociedade intrafísica serve como ponte entre nações e povos, a paradiplomacia funciona tal qual agente facilitador para conectar as multidimensões entre si. Pode-se, assim, dizer que paradiplomacia se resume a uma só exercício e nada mais: *facilitar o Cosmos a fluir*. Cabe, então, perguntar: “Como posso evitar que as pessoas envolvidas em empreendimentos paradiplomáticos sejam obstáculos para o Cosmos fluir como deveria?” A verdadeira paradiplomacia é a coexistência pacífica assertiva. Em outras palavras, a paradiplomacia *promove* a ocorrência da coexistência pacífica.

Quando se examina o assunto do Estado Mundial, conclui-se que este deve ser um sistema governamental que atenda a todos. O Estado Mundial pode ser, de certa maneira, comparado à utopia de Confúcio de *Da Tong* 大同 ou “A Grande Unidade”, conforme a seguir: “Quando o grande *Dao* (*Tao*) 道 era praticado, o mundo era comum a todos” (FUNG, 1952, p. 378). O modelo conscienciológico de sociedade (Estado Mundial) parece ter pontos em comum com a Filosofia Chinesa – tanto o Confucionismo quanto

o Taoísmo – naquilo que se refere a “seguir o fluxo do Cosmos”. O Cosmos vive, progride, desenvolve-se e evolui e, à medida em que o indivíduo também o faz, está seguindo o fluxo do Cosmos. Em paradiplomacia deve-se considerar se alguém tem autoridade para sugerir ao outro que “siga o fluxo do Cosmos”. É inteligente segui-lo e, depois, facilitar para que os outros o façam. Qualquer outra idéia é influência ou, em outras palavras, lavagem cerebral. Ao desejar ser paradiplomata transcultural, é necessário refletir se se está sendo obstáculo para o cosmos fluir e quais os traques inibidores das tarefas que se tem diante de si.

Belicismo, no sentido mais amplo da palavra, refere-se não somente à guerra mas a tudo que não contribui para a harmonia e a evolução. O antibelicismo pode ser classificado em duas categorias:

1. **Antibelicismo interior:** pacificidade do microcosmo (a consciência propriamente dita).
2. **Antibelicismo exterior:** pacificidade do macrocosmo (universo externo).

O antibelicismo *interior* demanda trabalho intraconsciençial vigoroso, requer que o indivíduo execute *striptease* consciencial, verifique os aspectos desarmônicos da própria consciencialidade e se empenhe em corrigi-los. O antibelicismo *exterior* ocorrerá em conseqüência do antibelicismo *interior* e refere-se à manifestação do indivíduo como facilitador da evolução dos outros de maneira multidimensional, servindo como elemento apaziguador em questões conflitantes.

O antibelicismo *exterior* é de natureza paradoxal: ao mesmo tempo em que se precisa expressar as idéias antibelicistas veementemente, tem-se, por outro lado, que respeitar os direitos alheios. As pessoas, por exemplo, têm o direito de discutir umas com as outras, de não estarem bem com elas mesmas, de serem autodestrutivas e até de se matarem (DE LA TOUR, 2006, p. 17). Pode-se, assim, dizer que o antibelicismo, interno e externo, resume-se em analisar a qualidade dos 2 seguintes aspectos:

1. Nível da auto-interação ou do indivíduo consigo mesmo.
2. Nível da heterointeração ou do indivíduo com o mundo exterior.

Além do mais, deve-se examinar as 3 seguintes condições:

1. Se o entendimento que se tem acerca do processo evolutivo é meramente intelectual ou aplicado.
2. Se está contribuindo ou detraindo a evolução das consciências em geral.
3. Se é diplomata evolutivo ou personalidade cáustica, incitando atrito ou conflito onde inexistente.

O paradiplomata evolutivo implanta a paz ou harmonia onde não há. Exemplo de personalidade antibelicista na estética chinesa é o pintor e calígrafo Qi Baishi 齐白石 (1864-1957), contemplado com o Prêmio Mundial de Paz, de 1955 pelo Conselho Mundial de Paz (Qi 1993).

Os autores, na condição de pesquisadores conscienciológicos, no coração da “realidade vermelha” e inseridos em posição de influência intelectual dentro do “*mind-set* vermelho”, sentem-se gratificados pelo reconhecimento dos seus esforços. Suas apresentações têm sido elogiadas durante conferências do pensamento chinês e seus trabalhos publicados nos anais das mesmas e nos periódicos de maior prestígio da área acadêmica intelectual chinesa, tais como: *Kongzi Yanjiu* 《孔子研究》 (*Estudos de Confúcio*) e *Zhouyi Yanjiu* 《周易研究》 (*Estudos do I Ching*). Todas essas ocorrências, incluindo o convite para apresentar a Conscienciologia a milhares de indivíduos chineses em único evento e suas aparições em 5 canais de televisão chinesa, chancelam o *timing* das proéxis dos autores, conferindo-lhes confiança para dar continuidade ao trabalho da Sinotares da maneira como vem sendo executado.

**PARADIPLOMACIA NÃO É IGUAL A ENFEITE,
NÃO É O MESMO QUE FACHADA ENOBRECIDA,
NÃO É PASSIVA, MAS ATIVA.**

CONCLUSÃO

A massificação não se enquadra na realização da tarefa na China ou em qualquer outro lugar. A Conscienciologia é objeto de estudo de uma microminoria da Humanidade. Não obstante, represente aproximadamente 20% da população planetária, a microminoria dessa percentual ainda pode ser considerada “multidão”. A China de hoje não é a mesma de há 5 ou 10 anos. A tendência é a ocorrência de abertismo cada vez maior em busca de nova e moderna filosofia. *O abertismo da China é a abertura da Conscienciologia, sua busca é a oportunidade dessa ciência.*

As sementes da Conscienciologia vêm sendo gradativamente plantadas com certa aceitação na comunidade intelectual chinesa da RPC. Os autores estão confiantes de que as realizações até o momento terão conseqüências de grandes proporções no futuro próximo. Essa confiança pode ser vista pelo interesse de um professor de uma universidade de renome no país em traduzir o tratado *Projeciologia* para o idioma mandarim. Gestos de aceitação desse nível não podem ser desconsiderados, mas vistos como reconhecimento da capacidade chinesa de perceber as verdades relativas de ponta da Conscienciologia e também como o abertismo e vontade da China de crescer na direção de uma realidade multidimensional e cosmoética. À medida que o mundo parece “encolher”, as pessoas sentem-se mais próximas umas das outras. Quando isso ocorre, a “pressão proximal” aumenta. A única maneira de o mundo sobreviver a essa contínua pressão proximal é através da irrupção da cosmoética. Assim, a Humanidade não somente sobreviverá, mas florescerá.

Os autores, na função de representantes do IASB, dedicam-se a levar o paradigma consciencial àqueles que se interessam – certamente o caso de muitos na China. O contexto, no entanto, neste momento evolutivo de uma das mais antigas e profundas culturas do planeta, propicia a prática da paradiplomacia transcultural. E, por essa razão, a China pode ser considerada um dos mais ricos laboratórios existentes para a Conscienciologia. À medida que se trabalha em prol de um mundo unido, a participação daqueles que possuem *Sinopioneiridade* e visão da paradiplomacia transcultural, multilíngüe e interinstitucional é bem-vinda no maior laboratório de reurbanização do planeta.

REFERÊNCIAS

1. De La Tour, Kevin; & De La Tour, Simone; *The Way of Peace is the Way of Evolution* 和平之道即进化之道; *Confucius Studies* 《孔子研究》; Revista; Bimensal; N. 93; Jinan; China; Janeiro, 2006.
2. De Quincey, Christian; *Stories Matter, Matter Stories*; *IONS Review*; Revista; Mensal; Petaluma; California; N. 60; junho de 2002.
3. Fung Yu-lan; *A History of Chinese Philosophy*; 783 p.; 2ª. Ed.; Vol. 1; Princeton University Press; Princeton, NJ; 1952; página 378.
4. Lichtenstein, Claude; & Krausse, Joachim (Editores); *Your Private Sky: R Buckminster Fuller Discourse*; 240 p.; enc.; Lars Muller; Baden; Switzerland; 2001; página 17.
5. Qi Baishi 齐白石 *Likeness & Unlikeness: Selected Paintings of Qi Baishi*; 92 p.; 190 ilus.; 2ª. imp.; 37,5 x 26,5 x 3,5 cm; enc.; Foreign Languages Press; Beijing; China; 1993.
6. Vieira, Waldo; *Projeciologia: Panorama das Experiências da Consciência Fora do Corpo Humano*; 1.248 p.; 525 caps.; 43 ilus.; 5 índices; 1 sinopse; 2.041 refs.; glos. 300 termos; 150 abrevs.; geo.; ono.; alf.; 4ª. Ed. revisada e ampliada; 27 x 21 x 7 cm; enc.; Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia; Rio de Janeiro, RJ; 1999; página 897.